

# Biografia como crítica literária em Sêneca o Rétor e Suetônio

Pedro Baroni Schmidt

## RESUMO

No presente artigo, propõe-se uma leitura comparada dos prefácios das *Controvérsias* de Sêneca o Rétor e das *Vidas dos Poetas* de Suetônio. Após a identificação dos diferentes tipos de gêneros de imitação a que se filiam os prefácios de Sêneca – epistolografia, historiografia e biografia –, busca-se destacar as características da biografia em função de “crítica literária”, tanto em Sêneca como em Suetônio. Por meio da análise comparativa dos trechos biográficos com função de crítica, emergem as afinidades e diferenças formais e estilísticas entre os dois autores, que podem ser justificadas com base nos objetivos e nas posições histórico-literárias de cada autor.

## PALAVRAS-CHAVE

Sêneca o Rétor; Suetônio; biografia; crítica literária.

**E**scrita no final da vida de Sêneca o Rétor,<sup>1</sup> a obra conhecida como “Controvérsias e Suasórias”<sup>2</sup> é ao mesmo tempo uma compilação de declamações e uma história da arte declamatória. Dando voz a diversos rétores e oradores, Sêneca distribui em dez livros de controvérsias e um único de suasórias o que poderíamos chamar de uma história da prática da declamação latina. Nos livros de controvérsias, cada um tratando entre seis e nove temas, e introduzido por um prefácio, são encontrados “os detalhes do estilo e das personalidades de um ou mais declamadores”<sup>3</sup>. Dos prefácios de Sêneca, chegaram até nós (e ainda assim não inteiramente) apenas sete: do primeiro ao quarto, o sétimo, o nono e o décimo. Os prefácios às controvérsias têm a função primordial de apresentar alguns autores das declamações contidas na obra, sejam eles oradores sejam rétores. Assim, no prefácio ao primeiro livro, o declamador apresentado é Pórcio Latrão; no segundo, o filósofo Fabiano Papírio e, brevemente, seu mestre Aurélio Fusco; no terceiro, Cássio Severo; no quarto, Asínio Polião e Quinto Hatério; no sétimo, Albúcio Silo; no nono, Votieno Montano e Emílio Lépido; no décimo, entre muitos nomes citados, o de Cláudio Torrino. Porém, para além da mera apresentação dos autores, os prefácios também discorrem acerca de variados temas, como, por exemplo, o papel da memória, a finalidade da arte declamatória, sua relação com a oratória, entre outros.

O objetivo do presente trabalho é buscar encontrar, primeiramente, os diferentes tipos de gêneros de imitação a que se filiam os prefácios, para então focar nos aspectos dos prefácios como biografia com função de crítica literária; então, por fim, procurar relacionar os recursos usados por Sêneca com os utilizados por Suetônio<sup>4</sup> em suas biografias de poetas.

#### I A PLURALIDADE DE GÊNEROS NOS PREFÁCIOS

No contexto da literatura latina, o gênero tem um papel crucial; toda obra literária pertence a um gênero, e é esse gênero que determina certas características da obra, como, por exemplo, o metro, o estilo (se grandiloquente, médio ou vulgar), os lugares-comuns, as personagens (se elevadas, médias ou baixas) e assim por diante. No entanto, é raro alguma obra se ater puramente a um único gênero, de

forma que sói aparecer traços de mais de um gênero em uma obra, seja de uma maneira hierarquizada (assim, por exemplo, na *Eneida*, de Virgílio, que se filia ao gênero épico, mas contém passagens alusivas a outros gêneros, tal como o livro IV, que faz aproximações aos gêneros lírico e elegíaco) seja de uma maneira uniformizada, misturando diversos gêneros sem que um necessariamente se sobreponha a outro. É a partir do período pós-clássico<sup>5</sup> da literatura latina que se intensifica esse procedimento de, nas palavras de Schwartz (2006, p. 60), “cierta dilución de las fronteras entre los géneros, una contaminación recíproca entre los diferentes discursos”. Cabe ressaltar também que essa confluência de gêneros é um recurso intencionalmente adotado pelo autor, buscando um determinado efeito, que é por vezes uma adequação à matéria narrada, por vezes uma crítica a algum gênero colocado em contrapartida a outro, por vezes uma maneira de mostrar e ensinar erudição, ou, ainda, um efeito de humor ou jocosidade pelo rompimento dos paradigmas convencionais.

Sêneca não desperdiça esse recurso tão comum em seu tempo, de forma que podemos encontrar em seus prefácios uma pluralidade de gêneros. Apesar de se tratar de uma obra sobre declamação, os prefácios trazem consigo características marcantes de pelo menos três gêneros: o epistolar, o historiográfico e o biográfico.<sup>6</sup> Apontemos brevemente algumas características do texto que se remetem aos dois primeiros gêneros citados, para depois nos aprofundarmos no aspecto biográfico.

De acordo com Citti (2003, p. 1), “Sêneca adota a forma epistolar para seus prefácios”. De fato, os prefácios se passam por cartas enviadas pelo autor a seus três filhos, estabelecendo uma espécie de diálogo entre eles. Todos os prefácios começam com a tradicional saudação epistolar, “*Seneca Novato, Senecae, Melae Filiis Salutem*” (“Sêneca saúda seus filhos Novato, Sêneca e Mela”), já indicando desde o início que se trata de uma carta. A impressão de haver um diálogo escrito entre pai e filhos se reforça com as menções que o autor faz de perguntas dirigidas a ele por parte dos filhos, que estariam curiosos para saber mais sobre a arte declamatória. Assim começa o prefácio ao primeiro livro:<sup>7</sup>

*Exigitis rem magis iucundam mihi quam facilem: iubetis enim quid de his declamatoribus sentiam qui in aetatem meam inciderunt indicare, et si qua*

*memoriae meae nondum elapsa sunt ab illis dicta colligere, ut, quamvis notitiae vestrae subducti sint, tamen non credatis tantum de illis sed et iudicetis.* (I, Praef., 1)

Vocês me pedem algo mais agradável do que fácil: pois me instam para que eu revele o que penso acerca dos declamadores que foram meus contemporâneos, e para que reúna as suas declamações que ainda não esqueci; de forma que, ainda que vocês não os tenham conhecido, possam assim elaborar seus próprios julgamentos e não somente acreditar no que se diz sobre eles.

Não temos como saber se de fato os filhos de Sêneca estavam interessados nas declamações, mas isso por ora tem menor relevância, uma vez que o que importa destacar dessa passagem é que a utilização de um determinado gênero, no caso o epistolar, tem uma função bem específica, a saber, justificar o propósito da obra. Seria como se o autor dissesse que não está escrevendo essa obra sem motivo, uma vez que ela lhe foi pedida, e, ainda por cima, não é uma tarefa fácil. Mais do que isso, ao colocar os prefácios em forma de cartas endereçadas a seus filhos, Sêneca atribui a eles um papel didático, de cunho educativo, além de sublinhar a seriedade e o compromisso da obra; o leitor é induzido a pensar que o autor jamais poderia escrever “mentiras” ou “informações falsas” a seus próprios filhos; logo, o texto assume uma autoridade de voz paterna ensinando a seus filhos.

Além do gênero epistolar, também o historiográfico pode ser encontrado nos prefácios de Sêneca; quando, por exemplo, o autor resume uma breve história da arte declamatória, no primeiro prefácio:

*Declamabat autem Cicero non quales nunc controversias dicimus, ne tales quidem quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis vocabant. Hoc enim genus materiae quo nos exercemur adeo novum est ut nomen quoque eius novum sit: controversias nos dicimus; Cicero causas vocabat. Hoc vero alterum nomen Graecum quidem, sed in Latinum ita translatum ut pro Latino sit, scholastica, controversia multo recentius est, sicut ipsa “declamatio” apud nullum antiquum auctorem ante Ciceronem et Calvum inveniri potest, qui declamationem <a dictione> distinguit; ait enim declamare iam se non mediocriter, dicere bene; alterum putat domesticae exercitationis esse, alterum verae actionis. Modo nomen hoc prodiit; nam et studium ipsum nuper celebrari coepit: ideo facile est mihi ab incunabulis nosse rem post me natam.* (I, Praef., 12)

Cícero, pois, costumava declamar, mas não aquilo que hoje chamamos “controvérsias”, e nem aquilo que na época anterior a Cícero denominavam “teses”. Pois esse tipo de matéria com o qual nos exercitamos é tão recente que até seu nome é recente: nós dizemos “controvérsias”; Cícero chamava de “causas”. Há de fato um outro termo de origem grega, “escolástica”, mas que acabou se tornando um termo latino, muito mais recente que a “controvérsia”; assim como a própria “declamação” não pode ser encontrada em nenhum autor antigo anterior a Cícero e Calvo, sendo que este último distingue “declamação” de “dicção”: menciona inclusive que “declama” razoavelmente, mas que “discursa” bem. Ele considera a primeira um mero exercício doméstico, e a segunda, a ação de verdade. O nome surgiu há pouco; e a própria prática só começou a ser popular recentemente: por isso me é fácil conhecer desde o berço algo que nasceu depois de mim.

Neste trecho, encontram-se expostas algumas características peculiares ao gênero historiográfico: o emprego do presente histórico, ou seja, de um verbo conjugado no tempo presente aludindo a um acontecimento passado (*Calvus ait, putat*); a menção às fontes e a autores antigos (Cícero, Calvo); e a colocação de si próprio por parte do autor em uma situação de conhecimento do assunto relatado (*ideo facile est mihi ab incunabulis nosse rem post me natam*). A historiografia é, portanto, mais um dos gêneros que se entrecruzam nos prefácios de Sêneca.

Fairweather (1981, p. 107-31) mostra que a história revelada por Sêneca é bem diferente da verdadeira história da declamação, mas aqui não nos cabe essa discussão. Deve ser apenas salientado o recurso da mistura de gêneros em um mesmo texto, sempre atendendo a uma determinada intenção, buscando um determinado efeito.

Enfim, também o gênero biográfico pode ser encontrado nos prefácios de Sêneca. É justamente no cerne de cada prefácio, ao apresentar um orador ou um rétor cujas declamações estão contidas na compilação, que a biografia aparece através dos *retratos*, os quais descrevem características físicas, psicológicas, de costumes e de hábitos, além de revelar anedotas e ações particulares, tendo por fim demonstrar o caráter (*êthos*) da personagem descrita. No prefácio ao terceiro livro, por exemplo, encontramos o retrato de Cássio Severo, do qual citamos um trecho:

*Primum tantundem erat in homine quantum in ingenio: corporis magnitudo conspicua, suavitas valentissime vocis [...].* (III, *Praef.*, 3)

Acima de tudo, o homem era tão memorável quanto seu engenho: seu corpo era de uma largura impressionante, sua voz de uma suavidade fortíssima [...].

Cabe ressaltar que, na grande maioria dos retratos presentes na obra, a voz é um elemento marcante nas descrições. Obviamente, para o leitor se inteirar do caráter (*êthos*) do declamador, a voz é um traço físico fundamental, bem como o estilo, o modo de declamar e os hábitos que se relacionavam diretamente com a ação de declamar. Isso nos remete a duas coisas: i) a noção de que características físicas, psicológicas e hábitos se influenciam e se determinam mutuamente, e, por consequência, também têm um efeito direto na produção declamatória; e ii) a função que a biografia exerce nos prefácios de Sêneca, indo além da mera descrição de personagens, constituindo-se na verdade em uma “crítica literária”.<sup>8</sup> É o que se pretende aprofundar a seguir.

## II OS PREFÁCIOS COMO BIOGRAFIA E CRÍTICA LITERÁRIA

Tanto Citti (2003, p. 13) como Fairweather (1984, p. 529-30) não hesitam em sustentar que o gênero biográfico, presente nos prefácios de Sêneca na forma dos retratos de oradores e rétores, é um recurso crítico. Ou seja, apesar de as “Controvérsias” não serem uma obra propriamente biográfica, e nem ao menos os prefácios por si só o sejam, a biografia é utilizada na obra de maneira recorrente e quase sistemática com o propósito de constituir uma crítica literária do tipo descritivo. Quando Sêneca apresenta algum autor de declamações, provê a seu leitor uma configuração do caráter do declamador, a partir do que algo a imitar ou a evitar é extraído. A função dos retratos é, portanto, fornecer os exemplos (*exempla*): ao dizer que Latrão tinha o costume maléfico de trabalhar logo após as refeições (I, *Praef.*, 17), Sêneca ensina (aos filhos, aparentemente, mas, de fato, a todos os iniciantes na arte declamatória que porventura se apoiassem em sua obra) que se deve evitar tal costume; e, ao louvar a memória prodigiosa do mesmo Latrão, instiga ao exercício da memória. Em cada descrição, seja de costumes, seja de estilo, sempre há algo a aprender, por meio do imitar ou do evitar.

É de se levar em consideração a noção, aparentemente predominante no mundo romano, de que a composição física, os traços psicológicos, os hábitos e a competência oratória ou poética estão intrinsecamente ligados e, de certa forma, são indissociáveis.<sup>9</sup> Dessa forma, por meio da apreensão de um traço físico, por exemplo, é possível apreender outras características, psicológicas ou morais, pertinentes ao mesmo sujeito. Nas palavras de Citti (2003, p. 6), o retrato físico (voz, estrutura do corpo, modo de gesticular) junto ao retrato psicológico (costumes, preferências, engenho, memória), somados à caracterização do estilo, resultam no *caráter* do declamador. Para demonstrar o caráter, todos esses aspectos são necessários. Com o caráter demonstrado, está constituída a biografia e, conseqüentemente, a crítica. Um bom declamador precisa ser antes de tudo um *uir bonus* (“homem bom”), e, para aprender a sê-lo, é útil imitar as virtudes dos modelos e evitar os vícios. Há que se destacar uma passagem do terceiro prefácio em que Sêneca coloca em evidência o contraste entre a vida e a ação de Cássio Severo:

*Nec enim quicquam magis in illo mirareris quam quod gravitas, quae deerat vitae, actioni supererat.* (III, Praef., 4)

Pois, o que é de mais se admirar nele, a gravidade que lhe faltava em vida, a tinha de sobra na ação [de proferir discursos].

O fato de ser algo “de se admirar” só endossa a percepção de que os *mores* (“costumes”) estavam diretamente ligados à *actio* (“*performance* oratória”). Seria de se supor que alguém que não exercesse a gravidade em seus modos tenderia a não a exercer tampouco ao proferir um discurso no foro ou mesmo declamando um exercício.

Assim, quando Sêneca constitui seus retratos nos prefácios das “Controvérsias”, elabora sua crítica literária, colocando seu próprio julgamento sobre determinadas atitudes, estilos, costumes, exercícios etc. Dessa maneira, se talvez não possamos afirmar que Sêneca é um biógrafo, ao menos podemos afirmar que ele é um crítico.

Não nos esqueçamos, porém, de que a crítica na obra de Sêneca nem sempre está calçada na biografia; há passagens em que o autor se detém ao censurar certos modismos ou comportamentos correntes sem estar ao mesmo tempo descrevendo o caráter de algum personagem. O sétimo parágrafo do primeiro prefácio é um exemplo

dessa crítica “isolada”.

Em suma, a presença do gênero biográfico é mais um recurso que embasa sua crítica literária, mas não exclui a possibilidade da crítica isolada e tampouco a presença de outros gêneros, como o epistolar e o historiográfico, que, como vimos anteriormente, também exercem suas funções e têm suas razões de ser na obra.

### III SÊNECA E SUETÔNIO

Vimos que os prefácios das “Controvérsias” de Sêneca possuem, entre outros gêneros, a biografia em sua composição. Além disso, essa biografia se constitui como uma verdadeira crítica literária. É possível, portanto, comparar os seus prefácios com outros autores biográficos em que se façam presentes convergências de conteúdo ou de estilo. Aqui, pretende-se colocar lado a lado o aspecto biográfico de Sêneca com as biografias de poetas escritas por Suetônio, extraídas da obra “Vida dos Poetas”, para ver em que medida os recursos de ambos os autores se alinham. Para tanto, citamos nove pequenos trechos de cada autor, em duplas de certa similaridade de tema ou assunto, para então discorrer a respeito de algumas impressões que a leitura conjunta dos textos propõe. Tendo em vista facilitar a referência às passagens, os trechos citados estão numerados:<sup>10</sup>

1 Sêneca, I, *Pref.*, 13-4, sobre Pórcio Latrão

*In utramque partem vehementi viro modus deerat: nec intermittere studium sciebat nec repetere. Cum se ad scribendum concitaverat, iungebantur noctibus dies, et sine intervallo gravius sibi instabat, nec desinebat nisi defecerat.*

A moderação faltava a esse homem passional em dois aspectos: não sabia nem interromper os estudos e nem retornar a eles. Quando se punha a escrever, noite e dia eram uma coisa só, dedicava-se sem intervalo, e não pararia a não ser quando estivesse esgotado.

2 Suetônio, Vida de Terêncio, III, sobre Caio Lélío:

*[Nepos ait] C. Laelium quondam in Puteolano Kal. Martiis admonitum ab uxore temperius ut discumberet petisse ab ea ne interpellaret, seroque tandem ingressum triclinium dixisse, non saepe in scribendo magis sibi successisse [...].*

[Cornélio Nepos diz que] Caio Lélío, em Putéolos, durante as calendas de março, ao ser exortado pela esposa a preparar-se para a

ceia mais cedo do que de costume, ter-lhe-ia pedido que não o interrompesse; mais tarde, enfim se dirigindo para a cama, teria dito que raramente obtivera tanto êxito em escrever como naquela ocasião [...].

3 Sêneca, x, Pref., 3, sobre Escauro:

*Orationes septem edidit, quae deinde <ex> senatus consulto combustae sint. Bene cum illo ignis egerat.*

Publicou sete discursos, que foram queimados por decreto do Senado. O fogo serviu-lhe bem.

4 Suetônio, Vida de Terêncio, II, sobre Terêncio:

*Scripsit comoedias sex, ex quibus primam "Andriam" cum aedilibus daret, iussus ante Caecilium recitare, ad cenantem cum venisset, dictus est initium quidem fabulae, quod erat contemptiore vestitu, subsellio iuxta lectulum residens legisse, post paucos vero versus invitatus ut accumberet cenasse una, dein cetera percucurrisse non sine magna Caecilii admiratione. Et hanc autem et quinque reliquas aequaliter populo probavit [...]*

Ele escreveu seis comédias, e quando ofereceu a primeira delas – “A Moça de Andros” – aos edis, foi-lhe ordenado recitar diante de Cecílio. Dizem que, chegando à casa deste na hora do jantar e estando pobremente vestido, Terêncio começou a ler a sua peça, sentado em um banco próximo ao divã. Mas, após ler alguns poucos versos, foi convidado a deitar-se e jantar também, e então leu o resto com enorme admiração por parte de Cecílio. Além disso, esta comédia e as demais cinco que escreveu foram do agrado do povo [...]

5 Sêneca, I, Pref., 16, sobre Pórcio Latrão:

*Corpus illi erat et natura solidum et multa exercitatione duratum [...]. Vox robusta, sed surda [...]*

Ele tinha um corpo forte por natureza e resistente pelo constante exercício [...]. Uma voz robusta, porém baixa [...]

6 Suetônio, Vida de Terêncio, v, sobre Terêncio:

*Fuisse dicitur mediocri statura, gracili corpore, colore fusca.*

Diz-se que era de estatura mediana, corpo gracioso, pele escura.

7 Sêneca, I, Pref., 17, sobre Pórcio Latrão:

*Saepe cum per totam lucubraverat noctem, ab ipso cibo statim ad declamandum veniebat. Iam vero quin rem inimicissimam corpori faceret vetari nullo modo poterat: post cenam fere lucubrat, nec patiebatur alimenta per somnum quietemque aequaliter digeri, sed perturbata ac dissipata in caput agebat; itaque et oculorum aciem contuderat et colorem mutaverat.*

Frequentemente, tendo ficado a noite toda acordado, vinha declamar logo após uma refeição. De fato, não conseguia evitar fazer algo muito prejudicial à saúde: sempre trabalhava após a ceia, fazendo com que os alimentos, em vez de serem digeridos durante um sono tranquilo, se embolassem e subissem-lhe à cabeça; por causa disso, estava perdendo a visão e a cor.

8 Suetônio, Vida de Virgílio, 8-9, sobre Virgílio:

*Corpore et statura fuit grandi, aquilo colore, facie rusticana, valetudine varia; nam plerumque a stomacho et a faucibus ac dolore capitis laboravat, sanguinem etiam saepe reiecit. Cibi vini que minimi.*

Ele era corpulento e de estatura grande, pele morena, aspecto rústico e saúde instável; quase sempre padecia do estômago, da garganta e de dores de cabeça, e também frequentemente cuspiu sangue. De comida e de vinho consumia pouquíssimo.

9 Sêneca, IV, Pref., 7, sobre Quinto Hatério:

*Declamabat autem Haterius admissis populo ex tempore.*

Hatério permitia que o público o ouvisse declamar de improviso.

10 Suetônio, Vida de Virgílio, 15-6, sobre Virgílio:

*Egit et causam apud iudices unam omnino nem amplius quam semel; nam et in sermone tardissimum eum ac paene indocto similem fuisse Melissus tradidit.*

E defendeu uma causa inteira diante dos juizes, mas somente uma única vez; pois Melisso relatou que ele era muito lento na oratória e que parecia quase um indouto.

11 Sêneca, II, Pref., 2, sobre Fabiano:

*Vultus dicentis lenis et pro tranquillitate morum remissus; vocis nulla contentio, nulla corporis adseveratio, cum verba velut iniussa fluerent.*

Quando dizia, sua expressão era suave e relaxada, por causa de sua personalidade tranquila; não havia nenhum bloqueio na voz e nenhum exagero de gestos, enquanto as palavras fluíam como que livres.

12 Suetônio, Vida de Virgílio, 28-9, sobre Virgílio:

*Pronuntiabat autem cum suavitate et lenociniis miris. Ac Seneca tradidit, Iulium Montanum poetam solitum dicere, involaturum se Vergilio quaedam, si et vocem posset et os et hypocrisin; eosdem enim versus ipso pronuntiante bene sonare, sine illo inanes esse mutosque.*

Pronunciava, no entanto, com suavidade e um encanto admirável. E Sêneca disse que o poeta Júlio Montano costumava dizer que roubaria algo de Virgílio, se pudesse também roubar a voz, a fala e a forma de representar; pois os versos soavam bem quando ele próprio pronunciava, e sem ele ficavam vazios e inexpressivos.

13 Sêneca, III, Pref., 7, sobre Cássio Severo:

*Itaque raro declamabat et non nisi ab amicis coactus.*

Portanto raramente declamava, e apenas quando exigido pelos amigos.

14 Suetônio, Vida de Virgílio, 33-4, sobre Virgílio:

*Recitavit et pluribus, sed neque frequenter et ea fere de quibus ambigebat, quo magis iudicium hominum experiretur.*

Virgílio recitou a diversas outras pessoas, mas não frequentemente, e quase sempre só as passagens sobre as quais possuía dúvidas, para melhor aproveitar as críticas dos ouvintes.

15 Sêneca, II, Pref., 1, sobre Fabiano:

*Exercebatur apud Arellium Fuscum, cuius genus dicendi imitatus plus deinde laboris impendit ut similitudinem eius effugeret quam inponderat ut exprimeret.*

Foi ensinado por Aurélio Fusco, e, tendo imitado o estilo deste, mais tarde despendeu maior esforço para evitar se parecer a ele do que se havia esforçado para aprender a ser como ele.

16 Suetônio, Vida de Pérsio Flaco, 3, sobre Pérsio Flaco:

*Studit Flaccus usque ad annum XII. aetatis suae Volaterris, inde Romae apud grammaticum Remmiam Palaemonem et apud rhetorem Verginium Flavum.*

Pérsio Flaco estudou até os doze anos em Volterra, prosseguindo os estudos em Roma, na escola do gramático Rêmio Palémon e na escola do rétor Virgínio Flavo.

17 Sêneca, VII, Pref., 7, sobre Albúcio Silo:

*Albucius non tulit hanc contumeliam, sed iratus calumniam sibi imposuit: numquam amplius in foro dixit; erat enim homo summae probitatis, qui nec facere iniuriam nec pati sciret.*

Albúcio não aceitou tal insulto, mas, irado, condenou a si próprio: nunca mais discursou no foro; pois era um homem de extrema integridade, que não sabia causar nem sofrer qualquer injúria.

18 Suetônio, Vida de Pérsio Flaco, 6-7, sobre Pérsio Flaco:  
*Fuit morum lenissimorum, verecundiae virginalis, formae pulchrae, pietatis erga matrem et sororem et amitam exemplo sufficientis. Fuit frugi, pudicus.*

Ele foi um homem de ótimos costumes, comedimento virginal, belas maneiras e de grande respeito, digno de exemplo, para com a mãe, a irmã e a tia. Foi um homem cordato e pudico.

A distância histórica do autor em relação aos biografados é determinante na escolha dos instrumentos narrativos. Sêneca retrata seus contemporâneos, os quais ele próprio teve a oportunidade de ver e ouvir, e, portanto, sua **memória** é o instrumento usado para trazer as informações para o texto. Sem precisar recorrer a textos de outros autores, é em si mesmo que ele confia para lembrar os pormenores acerca de fatos e declamações. Por isso, também se faz de certa forma necessário, tendo em vista aumentar a verossimilhança e a autoridade de sua coletânea, que logo no primeiro prefácio ele se prolongue a discorrer sobre a memória, e de como ela, apesar de às vezes lhe faltar, sempre havia sido capaz de recordar muitas coisas (I, *Praef.*, 2-3). Já em Suetônio, cujos retratados viveram entre cinco e duzentos anos antes de seu nascimento (com exceção de Plínio o Velho, que morreu quando Suetônio tinha cerca de nove anos), a distância histórica torna impossível ao biógrafo recorrer à memória; seu instrumento para evocar os fatos, então, são **documentos**, ou seja, textos e narrações de outros autores, cartas, inscrições, epitáfios, registros, boatos e até ditados populares. É justamente se apoiando nesses documentos que Suetônio aumenta o valor de credibilidade e autoridade para seu texto; encontramos esse procedimento nos exemplos 2 (“Cornélio Nepos diz que”), 4 (“dizem que”), 6 (“diz-se que”), 10 (“Melisso relatou que”) e 12 (“Sêneca disse que”).

A anedota é um recurso sempre presente nas biografias. Sêneca as usa sempre com a função específica de justificar ou exemplificar alguma postura do biografado, especialmente em relação à arte declamatória ou à oratória, tal como vemos no exemplo 17. Em Suetônio, as anedotas têm um papel mais amplo, ajudando a constituir o caráter do retratado. Quando narra algum acontecimento particular,

tal como no exemplo 2, não o faz para justificar alguma ação, o faz somente para integrar ao restante da narração mais um aspecto do caráter do poeta.

O objetivo diverso das duas obras também determina uma diferença no enfoque dado às descrições físicas. Sêneca, que pretende apresentar indivíduos enquanto declamadores, enfatiza suas descrições na voz e no gestual ao discursar (exemplos 5 e 11). Para Suetônio não interessa um traço físico particular, de forma que em suas descrições procura dar conta do aspecto geral, mencionando estatura, cor, porte etc. (exemplos 6 e 8). Também diz a respeito da voz e de como ou quando os poetas discursavam e recitavam (exemplo 12), mas, ao contrário de Sêneca, isso nunca é exclusivo em suas descrições físicas.

Igualmente determinada pelo objetivo das obras, a precisão de datas e lugares, que encontramos em Suetônio, desaparece em Sêneca. Para este, pouco importa quando nasceram ou morreram os declamadores, onde estariam enterrados, com quantos anos proferiram pela primeira vez um discurso em público. Já para Suetônio esses detalhes são essenciais, sendo inclusive recorrentes em todas as suas biografias. Da mesma forma, destaca-se o modo como cada autor relata o processo de aprendizagem, a “trajetória escolar” de seus retratados: Sêneca só a menciona para justificar o estilo do declamador (exemplo 15), enquanto Suetônio em geral desassocia a formação do estilo, de forma que os descreve separados, sem qualquer relação de causa e consequência (exemplo 16).

No que diz respeito à forma, podem-se ressaltar pelo menos dois aspectos de oposição entre os dois autores: o uso das formas verbais e o efeito de proximidade em relação ao texto. Computando os verbos presentes nos exemplos citados, temos que nas passagens de Sêneca predomina o **imperfeito** (43% no total, sendo 31% no indicativo e 12% no subjuntivo), e, entre os modos, prevalece o **indicativo** (68%, contra 15% de formas no infinitivo, 12% no subjuntivo e 5% no gerundivo). Em Suetônio, no entanto, a maioria dos verbos está no **perfeito** (34%, sempre no indicativo), e, ainda que a metade deles esteja no indicativo, as formas no **infinitivo** (32%, sendo 10% no presente, 19% no passado e 3% no futuro) aparecem muito mais do que em Sêneca. Com efeito, a oposição entre o imperfeito de Sêneca e o perfeito de Suetônio não deixa de nos remeter

à discussão da distância histórica entre os autores e os biografados, mas também corroboram com uma diferença fundamental de estilo: mesmo considerando apenas os trechos “biográficos” dos prefácios, Sêneca se coloca presente no texto, sempre emitindo sua opinião, como que “interagindo” de certa forma com a matéria narrada (exemplos 1, 3, 7); já Suetônio se esforça no sentido contrário, buscando sempre o efeito de afastamento da matéria narrada, evitando suas próprias opiniões ao deslocá-las para as citações, esquivando-se do diálogo direto com o leitor. Daí a recorrência de infinitivos em seu texto: compreendem as citações, os documentos, a “fonte segura” de onde ele retira os fatos (exemplos 2 [*Nepos ait petisse, dixisse*], 4 [*dictus est legisse*], 6 [*fuisse dicitur*], 10 [*Melissus tradidit fuisse*] e 12 [*Seneca tradidit dicere*]).

Vimos anteriormente como a biografia pode constituir-se como crítica literária. De fato, tanto Sêneca como Suetônio, enquanto constroem seus retratos, elaboram sua crítica; contudo, o estilo afeta diretamente o modo como essa crítica é feita, e, sendo o estilo diferente entre eles, também é diferente o procedimento crítico. Sêneca prefere a crítica mais direta, menos sutil e não esconde a própria opinião (exemplo 3: “o fogo serviu-lhe bem”). Em contrapartida, Suetônio é adepto da sutileza, quase nunca revelando sua própria impressão, recorrendo na maioria das vezes a outras vozes (exemplo 10: “pois Melisso relatou que era muito lento na oratória e parecia quase um indouto”). Obviamente, nem sempre esse recurso é possível, fazendo com que, por vezes, ele tenha que emitir alguns elogios por conta própria (exemplo 18); mas, em geral, faz prevalecer esse efeito de “afastamento” do texto. No entanto, não podemos confundir o **efeito** literário produzido por seu estilo com uma hipotética postura assumida perante os fatos. Em outras palavras, quando Suetônio revela que a peça de Terêncio foi muito apreciada por Cecílio (exemplo 4), ele **escolhe** revelar esse fato em detrimento de outros, como, por exemplo, o de que vários indivíduos difamaram a obra de Terêncio; assim, Suetônio deixa transparecer ao leitor atento que ele, autor também, aprova as comédias de Terêncio, ou que, pelo menos, as comédias eram apreciadas de forma geral em seu tempo. Assim, embora de forma mais velada que Sêneca, Suetônio também faz sua crítica literária ao compor as vidas dos poetas.

Em suma, pode-se dizer que Sêneca o Rétor e Suetônio se

aproximam por utilizarem o recurso do retrato biográfico como crítica literária. Por outro lado, eles se distanciam, se levarmos em consideração as não irrelevantes diferenças de estilo e de propósitos e objetivos das respectivas obras. E que, independentemente das escolhas de cada autor – não sendo nenhuma “melhor” ou “pior” que outra, mas todas completamente justificáveis –, ambos possuem seu valor enquanto biógrafos e críticos da literatura e da oratória latina.

ABSTRACT

Biography as literary criticism in Seneca the Elder and Suetonius

In this paper, a comparative reading of the prefaces of Seneca the Elder's *Controversies* and Suetonius' *Lives of Poets* is intended. After the identification of different types of genres to which the prefaces belong – epistolography, historiography and biography – it is intended to highlight the characteristics of biography as “literary criticism”, both in Seneca and Suetonius. Through comparative analysis of the biographic passages, the formal and stylistic affinities and differences between both authors emerge, and they can be justified by the objectives and historic-literary positions of each writer.

KEYWORDS

Seneca the Elder; Suetonius; biography; literary criticism.